

JOSUÉ SOARES FLORES

CAXIAS DO SUL-RS
Fevereiro de 2008

Princípios para a reforma da liturgia no século XVI na Inglaterra e o LOC de 1.549.

Conforme o disposto na apostila do SETEK acerca da elaboração do Livro de Oração Comum Inglês, são discriminados ao menos 6 (seis) princípios norteadores os quais vamos transcrever *ipsis litteris* abaixo:

- “1. *Dispor a leitura continuada e metódica da Bíblia.*
1. *Manutenção de todo o Antigo e verdadeiro da tradição.*
2. *A simplificação da liturgia e cerimônias.*
3. *A purificação da liturgia de todo o ‘falso’, ‘incerto’, ‘supersticioso’.*
4. *Clareza em tudo que se fizer, de modo que a congregação possa ser edificada, por isso a utilização da língua inglesa em vez do latim.*
5. *Uniformidade nos ritos para todo o reino da Inglaterra.”*¹

Para D. Sumiu, os princípios acima mencionados podem ser reduzidos a apenas 3 (três), que necessariamente não excluem ou se opõem aos acima citados. Veja abaixo:

- “a) *supressão das coisas consideradas modificações viciadas e excessos medievais das tradições litúrgicas antigas;*
- b) *promoção da leitura das Escrituras sagradas no vernáculo;*
- c) *Colocar nas mãos do povo, de modo acessível, todos os ritos da Igreja num só livro.”*²

Como percebemos, comparando o item “a)” com os itens “2., 3. e 4.” da citação superior, temos uma composição clara do mesmo assunto. Assim como o item “b)” comparado com os itens “1. e 5.” Iguamente temos uma relação igual. O item “c)” se distancia do seu paralelo “6.”; pois em um a ênfase é na promoção da publicação e sua insistente redução a um livro apenas, e a outra declaração aponta para a necessidade de uniformização ritualística visto que na Inglaterra do séc. XVI haviam muitos “usos” próprios de respectivas dioceses, que nada mais eram que “releituras” à grosso modo, do rito latino.

Também importante, lembramos da citação de D. Sebastião que na ‘conclusão’ do texto “*Preciosas Lições*”, nos afirma também sobre os princípios que herdamos do LOC. Segue abaixo:

- “- *Liturgia como Oração Comum;*
- *Lex Orandi, Lex Credendi;*
- *Equilíbrio Palavra e Sacramento;*
- *Tradição e Criatividade;*
- *Herança e Inculturação.”*³

O primeiro item relaciona-se com seus paralelos itens ‘5.’ e ‘c)’, o segundo item relaciona-se com o item ‘6.’, o terceiro item combina com o item ‘b)’, o quarto item relaciona-se com os itens ‘2.’ e ‘a)’, ficando como enxerto pessoal a expressão “criatividade”. E por fim o último item, relaciona-se com os itens ‘5.’ e ‘b)’, e como enxerto do autor a expressão “herança”. Enfim, apesar das diferentes formas de

¹ ‘Elaboração do Livro de Oração Inglês’. Porto Alegre: SETEK, apostila, p. 05, 1994.

² TAKATSU, Sumiu. ‘Breve história da Liturgia Anglicana (de 1.549 a 1.995)’. São Paulo: IAET, polígrafo, p. 02, 2000.

³ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. ‘Preciosas Lições (Meditando sobre o Livro de Oração Comum)’. Recife: IAET, polígrafo, 2000.

conceituação, todas elas são muito paralelas, não se excluindo, mas se retro-alimentando. Para explicarmos os princípios, faremos a opção em selecionarmos a primeira citação aleatoriamente e procuraremos explicar com base nos textos lidos.

1. Dispor a leitura continuada e metódica da Bíblia e 5. Clareza em tudo que se fizer, de modo que a congregação possa ser edificada, por isso a utilização da língua inglesa em vez do latim. É sabido que o Livro de Oração Comum é inspirado por uma coletânea muito grande de outros livros litúrgicos que o precederam⁴, e também Cranmer deseja se inspirar em algumas das boas tradições já existentes para “forjar” um jeito propriamente inglês de adoração, oração e louvor. Dos livros importantes de serem mencionados, as Sagradas Escrituras é a que mais nos chama a atenção, visto que nesse período a tradução do texto original para o vernáculo era uma novidade da Reforma. A biblicização da liturgia inglesa apenas seria possível a partir da nova prática de leitura da Bíblia. Além do texto conhecidamente traduzido por J. Wycliff, sucederam outras contribuições que posteriormente foram fundamentais para a composição da Bíblia *King James Version*, estamos nos referindo às literaturas de Tyndale e Coverdale, ambas anteriores à publicação do 1º. LOC. Outra contribuição para que Cranmer empreendesse a importância da Bíblia no contexto do LOC foi a publicação do Breviário Romano organizado pelo Cardeal Quiñones. O Breviário sistematizava metodicamente as leituras bíblicas. A influência da espiritualidade monástica, no que tange à liturgia das horas e a organização de um calendário cristão também foram imprescindíveis, mas sobretudo o princípio reformado “*sola scriptura*”, que norteava todo o movimento genebrino e alemão, também muito certamente tenha inspirado o lugar da Sagrada Escritura no contexto da liturgia anglicana.

2. Manutenção de todo o Antigo e verdadeiro da tradição e 4. A purificação da liturgia de todo o ‘falso’, ‘incerto’, ‘supersticioso’. Todo o período da baixa Idade Média é marcado por forte espírito de superstição e renascimento do esoterismo típico dos primeiros séculos da Era Cristã, provenientes das culturas ‘bárbaras’. A ausência de mecanismos que controlassem a transmissão de dados, no tocante ao universo místico gerava uma grande constelação de fenômenos que se sedimentavam na crença popular e velozmente tornavam-se ‘tradições locais’ de um cristianismo Europeu. Essas tradições não se sustentaram mais com o redescobrimto do princípio hermenêutico bíblico, ou seja, a ‘suposta’ tradição deveria se sustentar nas Escrituras. As falsas tradições também não se sustentavam mais, pois o séc. XVI conhece os primeiros passos do método científico na Inglaterra com o proto-empirismo e na Alemanha com o proto-racionalismo. O que inspirará Cranmer na confecção do 1º. LOC são as liturgias bizantinas, moçárabe e a tradição litúrgica medieval ocidental, entre outras influências.

3. A simplificação da liturgia e cerimônias. Com o objetivo de popularizar a liturgia, Cranmer eliminou os excessos do cerimonial medieval. Também simplificou as diversas horas litúrgicas para apenas duas, Oração Matutina e Vespertina, para os ofícios diários, popularizando assim aquilo que estava apenas reservado aos monges. Em outros ritos como o do Santo Matrimônio foi omitida a Santa Eucaristia (2º. LOC).

6. Uniformidade nos ritos para todo o reino da Inglaterra. Na Inglaterra do séc. XVI haviam diversos “usos” que nada mais eram que re-leituras do rito romano. Os conhecidos são o *uso de Sarum, York, Lincoln, Bangor, Hereford*. A ideologia dos Estados Nacionais Absolutistas nasce neste período com a filosofia de Thomas Hobbes. O Estado agora é visto como o grande Leviatã, ou seja, uma instituição poderosa que garantiria o bem-estar social, a segurança pública e o direito à propriedade privada. Aliado a essa crença surgiram os filósofos chamados “contratualistas”, destacadamente John Locke. É importante para o Estado, a extirpação de qualquer regionalismo reminescente ainda do período medieval, em que os ‘senhores feudais’ é que detinham em nível local às chaves para o comércio, especialmente das rotas comerciais e feiras, detinham também o monopólio da segurança, por isso o “encastelamento” das riquezas do medievo, e detinham o direito divino das propriedades sobre pena de vários impostos pagos pela população vassala. Esse regionalismo foi extinto com a ascensão do soberano monarca, que no caso da

⁴ Para ver mais sobre isso, cf. OLIVEIRA, Orlando Santos de. ‘A Grande Tradição (gráfico ilustrativo das fontes de inspiração do Arcebispo Thomas Cranmer na compilação do primeiro Livro de Oração Comum, em 1.549)’. Porto Alegre: SETEK, polígrafo, 2002.

Inglaterra, era se tornou no grande chefe da Igreja. A uniformidade também permitiu uma padronização litúrgica, visto que o ritual romano havia sido completamente extinto da Inglaterra. Essa padronização gerou uma nova família litúrgica no Ocidente, tal qual comungamos com ela até hoje.

Bíblia e liturgia do LOC.

“A Bíblia é o alicerce sobre o qual foi historicamente construída a liturgia anglicana pela razão elementar de aspirar a ser uma liturgia da unidade cristã. Foi na Bíblia onde o anglicanismo buscou os critérios básicos da unidade na diversidade expressos e transmitidos na adoração.”⁵

Ao longo da Grande Tradição Cristã que influenciou a criação do 1º Livro de Oração Comum e os subsequentes, a Bíblia bem como outros manuais foram utilizados. Como já mencionado na questão acima, a Bíblia foi um dos principais princípios norteadores para a liturgia anglicana, tanto o seu destaque na missa quanto sua sistematização para a leitura diária estão bem fundamentadas. É importante notar que desde os primórdios, a influência do Movimento de Reforma na Inglaterra, fez com que o arcebispo Cranmer utilizasse as versões traduzidas de porções da Bíblia como Evangelhos e Salmos de conhecidos teólogos como Tyndale e Coverdale. O próprio Cranmer na edição da Bíblia de 1539 escreverá especialmente um prefácio para esta Bíblia inglesa. O Saltério ganha papel destacado no LOC, pois dele derivam muitas fórmulas e expressões litúrgicas utilizadas na Tradição Judaica, Cristã Oriental e agora especialmente na Tradição litúrgica inglesa⁶.

“O LOC é só ponte para que a Bíblia fale; nos ensine a orar, a sentir, a pensar e a agir conforme os critérios de Deus. Das Escrituras aprendemos o jeito de Deus, habituamo-nos – às vezes com muito custo – a perceber por onde Deus costuma passar e por onde caminha quem O segue com fidelidade. Preparamo-nos, assim, para contemplar a Deus hoje, em nossa própria vida, e escutar Sua voz, ao escutar sempre de novo os relatos das relações de Deus com Seu povo. Nossa oração, com frequência, é demasiadamente palavra nossa, ‘obra’ humana – louvor e intercessão. Ora, oração cristã é, antes de tudo, escuta de Deus. A isso o LOC nos remete quando nos conduz a escutar continuamente o testemunho bíblico.”⁷

Duas afirmações desta citação acima são importantes de serem destacadas. A primeira é a de que o LOC é uma “ponte” para a Bíblia. No século XVI um dos grandes princípios do Movimento de Reforma era o *Sola Scriptura*, que resgatava o papel central das Escrituras para a compreensão do mistério de Deus e da Revelação, mas que também desprezava a longa Tradição Cristã em detrimento das chamadas *superstições medievais*, e excessos. O LOC é influenciado por este princípio, entretanto não despreza a Tradição como veículo também da Revelação do mistério divino. O fato de que D. Sebastião aponta o LOC como ‘ponte’, podemos também entendermos que o LOC é um referencial hermenêutico do anglicano para a interpretação bíblica. Na verdade o LOC é mais uma ponte de acesso à compreensão da Bíblia, e por ser tão fortemente influenciado por ela, não podemos negar a influente espiritualidade bíblica que emana da liturgia anglicana. Para o Rev. Dr. Humberto Maiztegui, *‘a liturgia anglicana busca no Novo Testamento não só a forma mas o sentido da adoração’⁸*. A segunda afirmação que destacamos é a de que o LOC nos remete a escutar continuamente o testemunho bíblico. O autor não está apenas destacando a Liturgia da Palavra, lugar da liturgia em que porções da Bíblia são lidos em alta voz. O autor antes, quer destacar que todas as

⁵ GONÇALVES, Humberto Maiztegui. ‘Apostamento sobre Bíblia, liturgia e anglicanismo’. In: *Inclusividade*. Porto Alegre: CEA, ano II, nº. 6, p. 72, 2003.

⁶ Para ver mais sobre isso, cf. OLIVEIRA, Orlando Santos de. ‘A Grande Tradição (gráfico ilustrativo das fontes de inspiração do Arcebispo Thomas Cranmer na compilação do primeiro Livro de Oração Comum, em 1549)’. Porto Alegre: SETEK, polígrafo, 2002.

⁷ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. ‘Preciosas Lições (Meditando sobre o Livro de Oração Comum)’. Recife: IAET, polígrafo, 2000.

⁸ GONÇALVES, Humberto Maiztegui. *Op. Cit.* p. 66, 2003.

fórmulas litúrgicas, seja nas orações, intercessões, louvor, entre tantas outras que poderíamos destacar, são todas elas “escuta” contínua do testemunho bíblico.

“Basta observar que 2/3 dos textos dos LOCs são paráfrases ou reproduções de textos bíblicos. A valorização do Lecionário e o resgate das leituras diárias são uma demonstração clara de que a espiritualidade anglicana tem mantido seu vínculo com o testemunho bíblico, independentemente da escola hermenêutica usada.”⁹

A citação acima, é uma boa referência daquilo que já temos dito, entretanto um novo elemento é adicionado, a *incondicionalidade hermenêutica*, ou seja, independentemente do método, objeto ou linha hermenêutica, o LOC é apreciado por todos em sua apreciação das Escrituras. Entretanto isso não quer dizer que o LOC também não expresse em si sua própria interpretação bíblica e teológica, pois nele estão as principais pistas daquilo que chamamos de Teologia Anglicana, que nasce da experiência litúrgica. Sobre a mesma linha, D. Orlando Santos afirma que *‘a espiritualidade do LOC dá um lugar central para a Bíblia. O LOC é 90% Bíblia ou arranjo de frase bíblicas¹⁰’*. Penso então que se existem apenas 10% que não são inspirados na Bíblia, de forma hilária, certamente devem ser as rubricas do LOC que são de caráter orientativo.

Tradição e renovação, tradição e criatividade, tradição e flexibilidade.

Analisando o processo de formação do 1º. LOC, percebemos que recebeu influências variadas e em linhas gerais, de todas as grandes famílias litúrgicas do período, seja da tradição oriental, quanto da ocidental (ritos latino e galiano), como também buscou o equilíbrio com os diversos *usos ingleses*, como o de York e Sarum entre outros, mas fundamentalmente procurou também uma renovação do culto através da influência da liturgia luterana¹¹. O resultado de toda essa confluência foi o 1º. LOC que perfumava a Igreja da Inglaterra com ares de renovação, tradição e criatividade. As revisões posteriores e até novas edições do LOC, são influenciadas por movimentos no interior da igreja da Inglaterra, como o movimento puritano e o conservadorismo. Essa tensão interna gerou um princípio litúrgico de *não-exclusão* e de *proporcionalidade*, ou seja, apesar dessas tensões eclesiais, a liturgia permanece como fonte primária de coesão interna e de unidade de todas as tendências, não deixando de fora nenhuma das reivindicações dos movimentos, mas também mantendo certa proporcionalidade textual, mantendo um equilíbrio litúrgico-teológico-eclesiológico.

É importante destacar o papel que o conceito de *inculturação* tem exercido na elaboração de novas liturgias e mesmo em revisões de antigas liturgias da Igreja. O Rev. Francisco chega a afirmar que *“cada vez mais a liturgia está deixando de ser ‘inglesa’ para ser mais ‘anglicana’”*.¹² Sua citação está intimamente ligada ao contexto da questão, pois o fato de que no processo de inculturação se busca atingir a renovação, a criatividade em um processo flexível, não perdendo a tradição, é o que o faz afirmar que a liturgia está deixando de ser “inglesa”, mas não deixando de ser “anglicana”, que é bem diferente. Manter aquilo que é legitimamente de nossa tradição litúrgica e eliminando os traços peculiares da cultura da igreja-mãe, para inserir outros elementos realmente significativos para a cultura de cada província, levando em consideração a enorme diversidade da Comunhão Anglicana, é um grande desafio. D. Orlando mesmo afirma que o LOC *“manteve a tradição viva da Igreja sobre o culto, mas abriu-se ao futuro num processo de revisão permanente. Devolveu a liturgia ao povo em sua língua, terminou o monopólio clerical do culto. A liturgia se*

⁹ SILVA, Francisco de Assis da. “Evolução dos Livros de Oração Comum”. In: revista Reflexões. Porto Alegre: CEA, n.º 6, p. 06, 1999.

¹⁰ OLIVEIRA, Orlando Santos de. “Espiritualidade do Livro de Oração Comum”. In: Reflexões. Porto Alegre: CEA, n.º 6, p. 38, 1999.

¹¹ ver _____ . “Origem do Livro de Oração Comum (gráfico)”. Porto Alegre: SETEK, apostila, 1996.

¹² SILVA, Francisco de Assis da. *Op. Cit.* p. 06, 1999.

*contextualizou*¹³. A idéia de que a liturgia da Igreja Inglesa se abriu para o futuro, para o povo, é àquela de que se interessa pela história em seu processo dinâmico e veloz. A igreja enquanto instituição tradicional, e por isso mantém e conserva seus conteúdos doutrinários, encontra no anglicanismo uma forma muito mais dinâmica no tocante ao diálogo com a sociedade em sua história, luta social, transformações e revoluções.

D. Sumiu nos lembra que na *Conferência de Lambeth de 1.920 nas resoluções 36 e 37 foi concebida a idéia de que a unidade da Comunhão Anglicana, não é necessária a uniformidade litúrgica e que cada bispo diocesano tem o **jus liturgicum***¹⁴. Essa abertura, apesar de não ser ‘regulamentar’ ou ‘canônica’, mas orientativa, expressa um consenso na intenção de dar maior flexibilidade ao processo de renovação e criatividade nas liturgias locais, obedecendo um padrão/estrutura que o LOC já nos proporciona. Entretanto D. Sumiu também alerta sobre esta questão de que “*é preciso levar em consideração as preocupações pastorais. A integridade cultural deve ser respeitada. A tradição deve ser consultada, e a catolicidade preservada*”¹⁵. Sua preocupação relaciona-se com a preservação de um equilíbrio e da manutenção de princípios reguladores maiores do que os anseios por *renovação, criatividade e flexibilização*. São como “liturgiômetros” que indicam quanto nos afastamos ou nos aproximamos de nosso eixo fundamental. Por isso D. Sumiu destaca que o mesmo relatório também apresenta alguns critérios para o exercício do chamado *jus liturgicum* dos bispos diocesanos.

- “1) *manter o equilíbrio bíblico e católico da verdade;*
- 2) *dar devida consideração aos precedentes da Igreja Primitiva;*
- 3) *Observar os limites que possam ser impostos pela autoridade superior do Sínodo;*
- 4) *lembrar-se com amor fraterno da consideração do possível efeito de sua ação sobre outras Províncias e ramos da Comunhão Anglicana.*”¹⁶

Esses são princípios importantes que regulamentam o fazer litúrgico. Entretanto devemos reconhecer que em maior ou menor grau são ouvidos, o que tem levado a um grande desgaste no colóquio litúrgico atual entre a Comunhão Anglicana e o atual movimento cismático.

O LOC como um elemento distintivo do Anglicanismo.

Antes de tudo, o LOC enquanto expressão litúrgica da Igreja da Inglaterra no século XVI, influenciado por muitas vertentes já destacadas anteriormente, optou em uma identidade própria e exclusiva. Apesar da enorme confluência com demais famílias litúrgicas, a liturgia do anglicanismo não pode ser confundida com qualquer outra seja protestante, reformada, ortodoxa ou romana. Essa distinção inicial é fundamental para o sentimento de pertença e a manutenção do espaço histórico no tocante a liturgia, conquistado. Thomas Cranmer não optou por uma liturgia luterana, ou calvinista, nem tampouco adotaram a reforma litúrgica do Concílio de Trento, pois a Igreja da Inglaterra já absorve o LOC (apesar de toda a problemática envolvida) como uma nova família distinta.

*“... existe um padrão de liturgia aceito pelos anglicanos. Esse padrão se encontra nas diretrizes de Lambeth 58. Nesse sentido, praticamente todos os livros contém as mesmas liturgias ou ofícios divinos.”*¹⁷

O fato de que temos um padrão comum, mas uma abertura para a diversidade, torna o LOC um equalizador litúrgico. É importante a padronização naquilo que denominamos anteriormente como

¹³ OLIVEIRA, Orlando Santos de. “Espiritualidade do Livro de Oração Comum”. p. 37, 1999.

¹⁴ TAKATSU, Sumiu. “Breve História da Liturgia Anglicana (de 1.549 a 1.995). São Paulo: IAET, p. 10, 2000.

¹⁵ *Idem*. p. 15.

¹⁶ _____. “Liturgia Anglicana – Diversidade e Padrão”. In: Estudos de Liturgia Anglicana. São Paulo: IAET, p. 17, 2000.

¹⁷ *Idem*. p. 19.

sentimento de pertença. Já é conhecido que o anglicano onde quer que vá, seja no hemisfério norte ou sul, sempre encontra um “nivelamento”, uma “familiaridade”, uma “relação anterior” mesmo em um ambiente cultural, social, econômico e político adverso. Isso somente é possível por meio do padrão estrutural da liturgia anglicana.¹⁸

“Por isso falamos que a Lei da Oração é a Lei da Fé (Lex Orandi, Lex Credendi). Ou seja, oramos aquilo que cremos. O LOC não é um mero manual de culto, mas expressa a nossa fé, a nossa teologia, a nossa espiritualidade.”¹⁹

A citação acima de D. Orlando também nos remete a um elemento distintivo do LOC em relação à Comunhão Anglicana. O LOC é a “Confissão de fé” não declarada, é o nosso arcabouço teológico não proveniente de teólogo algum, é a nossa regra de vida dispensada de votos monásticos. O LOC sintetizou em si a própria essência do anglicanismo e nele são baseadas todas as reflexões, testemunho, piedade e adoração. Daí emana toda a unidade do anglicanismo pois conforme D. Orlando, ‘os anglicanos têm optado por ter “uma liturgia”, e não uma pluralidade de liturgias, que se ora e que se crê’.²⁰

“Na caminhada do anglicanismo no Brasil, muito se perguntou, e ainda se pergunta, sobre a sua identidade. Podemos afirmar com toda segurança que uma delas é a forma de celebrar. Através do Livro de Oração Comum, que é mais uma “estrutura” do que um “manual de cerimônias”, o povo anglicano procura expressar a sua visão de Deus, do mundo e de si mesmo.”²¹

Na citação acima, a idéia de que o LOC enquanto “veículo” da adoração anglicana, imprime ainda que não conscientemente, a própria identidade eclesial. Sobre a mesma questão, muitos teólogos anglicanos no Brasil dizem não ter uma identidade autóctone. Talvez tenham razão, entretanto não podemos afirmar que não temos uma identidade anglicana, pois o LOC nos permitiu essa impressão que não nos mistura entre tantas outras confissões religiosas existentes.

Liturgia e condições sociais.

“A celebração da Ceia não é uma refeição metafísica na qual apenas simbolicamente nos sentimos unidos. É um ato que, em sua dinâmica própria, desenvolve aquela criatividade mencionada por Schillebeckx, que se expressa em gestos e movimentos que transcendem a dimensão pessoal dos indivíduos que se relacionam nessa ação para, assim, chegarem a adquirir uma força social. As comunidades cristãs dos primeiros séculos tomaram consciência desta potência que se manifesta na celebração eucarística e que consegue plasmar-se num novo estilo de vida; por meio deste, aqueles que celebram a Ceia do Senhor em espírito e em verdade continuam numa práxis de comunhão quando voltam a inserir-se nos assuntos da sua vida diária. Esse movimento é o que a teologia ortodoxa caracteriza como ‘liturgia depois da liturgia’. Por ele se procura fazer com que as massas, dispersas e desorganizadas no mundo, se tornem em comunidade portadora de justiça e irmandade.”²²

A liturgia pode espelhar as condições sociais mesmo que ainda esteja alheia a elas, espelhará uma liturgia alienante, como já existem muitos modelos por aí. Entretanto no anglicanismo a

¹⁸ “Onde quer que vamos em nossa Comunhão, achamos-nos em casa, através de um culto bíblico, católico, congregacional, entendido pelo povo, simples e profundo, do qual o padrão e modelo é o Livro de Oração Comum. Isto nos une na verdade. Isto está na raiz de nossa comunhão mútua. E é profundamente comovente saber que tanto as mais antigas como as mais jovens Igrejas de nossa Comunhão encontram nesta tradição os mesmos valores de fé católica, retidão bíblica e zelo evangélico.” FISHER, Geoffrey Francis. Apud: RUIZ, Sidney A. & PEREIRA, Adão. “Liturgia Anglicana – Um breve comentário ao Livro de Oração Comum”. Rio de Janeiro: Edição dos autores, p. 05, 2001.

¹⁹ OLIVEIRA, Orlando Santos de. “Espiritualidade do Livro de Oração Comum”. In: Reflexões. Porto Alegre: CEA, nº. 6, p. 37, 1999.

²⁰ *Idem*. p. 37, 1999.

²¹ RUIZ, Sidney A. & PEREIRA, Adão. *Op. Cit.* p. 07, 2001.

²² SANTA ANA, Julio. “Pão, Vinho e Amizade”. Rio de Janeiro: CEDJ, p. 76, 1986.

relação entre condições sociais e transformação está muito próxima da idéia de interação. Veja a citação abaixo:

“A espiritualidade bíblica que o LOC propõe, é que, tanto em nossa vida comunitária que se reúne na reunião litúrgica, como em nossa devoção pessoal, deve haver uma interação entre contemplação e a compaixão. Só assim podemos aprofundar e transformar as relações existentes entre a nossa situação vivida e a ação de Deus conforme descritas na sua Palavra.”²³

Essa interação é fundamental para o engajamento social que se pretende na missão cristã. Muito além de um grupo contemplativo, que busca no crescimento espiritual um caminho egoísta e desencarnado, mas também além de ser um grupo de ativistas mais caracterizando um sindicato ou movimento social, a Igreja é uma comunidade retro-alimentada, ou seja, a missão não tem sentido senão para o povo em que a igreja está inserida, bem como a busca das transformações sociais não dão sentido algum à reunião litúrgica de um grupo qualquer se for um fim em si mesma.

“Perhaps the greatest, and certainly the most difficult problem for liturgical piety is the one which awaits us when we go out of the church after the liturgical celebration is finished. For, if there is any one point that our study has brought out, it is that the importance of the liturgical celebration itself implies a correlative importance in what we do, after the liturgical celebration, in daily living.”²⁴

A importância daquilo que fazemos em nossas vidas diárias, a correlação com a liturgia dominical é fundamental no fortalecimento de nossa missão e demonstração de nosso crescimento espiritual em termos de Educação Cristã. Os textos litúrgicos também expressam a preocupação existencial da relação eu-outro. D. Orlando afirma que nós *“não buscamos a Eucaristia para nossa satisfação pessoal, mas para o serviço”*²⁵ baseado na Oração Eucarística. O serviço não está dissociado do ato eucarístico. As narrativas mais importantes dos Evangelhos sobre a Eucaristia trazem logo a seguir o evento conhecidamente denominado por *“Lava-pés”*. O serviço é elementar no discipulado cristão e seu reflexo primeiro é na ação litúrgica do Povo de Deus.

“A espiritualidade encarnada leva consigo uma sensibilidade [...] Exige em conseqüência, que participemos plenamente na vida e nas lutas do povo. E que conheçamos seus desejos, projetos e nos identifiquemos com a sua busca.”²⁶

Falando sobre liturgia e espiritualidade, D. Orlando defende a idéia de que a espiritualidade não está dissociada da corporeidade, e que essas categorizações são de origens filosóficas gregas e não especificamente cristãs. A espiritualidade cristã é holística e pretende integrar o ser em sua totalidade. Nesse sentido, é salutar a citação que nos recorda do fato de que uma espiritualidade que não é apenas *“ópio do povo”*, também deve ser *“sensível”* à vida e lutas diárias²⁷. Também nos recorda de que devemos nos *“identificar”* com a caminhada histórica do povo, assim como também nos lembra a *“encarnação”* do próprio Cristo, uma identificação plena com as necessidades do povo.

“As Church, we are not indifferent to the world, we are not set over against the world in hostility to it; our salvation is bound up with the salvation of the whole created order. We are not to be saved apart

²³ OLIVEIRA, Orlando Santos de. “Espiritualidade do Livro de Oração Comum”. In: Reflexões. Porto Alegre: CEA, n.º 6, p. 39, 1999.

²⁴ “Liturgical Piety”. University of Notre Dame Press, p. 257, 1955. In: VV.AA. “The Liturgical Renewal of the Church”. New York: Oxford University Press, p. 101, 1960.

²⁵ OLIVEIRA, Orlando Santos de. *Op. Cit.* p. 41, 1999. Também lembramos do “Kyrie Eleison” que na sua origem é um clamor coletivo aos problemas sociais. Cf. OLIVEIRA, Orlando Santos de. *Op. Cit.* p. 30, 1999.

²⁶ *Idem.* p. 41, 1999.

²⁷ Sobre isto, D. Sebastião comenta que *‘En la liturgia, la iglesia tiene que revelarse como pueblo fraterno, comunitario, pueblo en comunión que denuncia y desafía el sistema del mundo. La Eucaristia es profecía de ‘otro mundo posible’, fundado en la economía de compartir los bienes y gobernado por la repartición del poder.’* In: VV.AA. “La Globalización y sus implicaciones en América Latina: Un desafío para la Iglesia Episcopal Anglicana”. Panamá: CETALC, p. 144, 2005.

from the world (cosmos) but with it. This is the vision of the Old Testament prophets; this is the expectation written in the New Testament. Man and social order, man and created nature, are to be transformed, made into that image in the likeness of which they were created and which we see dimly now. Man is not isolated from the rest of creation.”²⁸

A idéia de que estamos integrados na Criação toda e que somos co-responsáveis por todo seu equilíbrio, e que nossa salvação está intrinsecamente ligada à salvação e integridade de toda ela, torna o dimensão do culto uma escatologia holística e integral. A missão não está relacionada tão somente a salvação de nossas almas e do corpo, mas de toda a Criação, nesse sentido a Humanidade toda é convidada na liturgia à preservação e ao cuidado recíproco dos milhares de eco-sistemas e teias sociais existentes.

Referências Bibliográficas:

“Elaboração do Livro de Oração Inglês”. Porto Alegre: SETEK, apostila, 1994.

GONÇALVES, Humberto Maiztegui. ‘Apontamento sobre Bíblia, liturgia e anglicanismo’. In: “Inclusividade”. Porto Alegre: CEA, ano II, nº. 6, 2003.

OLIVEIRA, Orlando Santos de. “A Grande Tradição (gráfico ilustrativo das fontes de inspiração do Arcebispo Thomas Cranmer na compilação do primeiro Livro de Oração Comum, em 1.549)”. Porto Alegre: SETEK, polígrafo, 2002.

_____. ‘Espiritualidade do Livro de Oração Comum’. In: “Reflexões”. Porto Alegre: CEA, nº. 6, 1999.

_____. “Origem do Livro de Oração Comum (gráfico)”. Porto Alegre: SETEK, apostila, 1996.

RUIZ, Sidney A. & PEREIRA, Adão. “Liturgia Anglicana – Um breve comentário ao Livro de Oração Comum”. Rio de Janeiro: Edição dos autores, 2001.

SANTA ANA, Julio. “Pão, Vinho e Amizade”. Rio de Janeiro: CEDI, 1986.

SILVA, Francisco de Assis da. ‘Evolução dos Livros de Oração Comum’. In: “Reflexões”. Porto Alegre: CEA, nº. 6, 1999.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. “Preciosas Lições (Meditando sobre o Livro de Oração Comum)”. Recife: IAET, polígrafo, 2000.

TAKATSU, Sumiu. ‘Breve história da Liturgia Anglicana (de 1.549 a 1.995)’. São Paulo: IAET, polígrafo, 2000.

_____. ‘Liturgia Anglicana – Diversidade e Padrão’. In: “Estudos de Liturgia Anglicana”. São Paulo: IAET, 2000.

VV.AA. “The Liturgical Renewal of the Church”. New York: Oxford University Press, 1960.

_____. “La Globalización y sus implicaciones en América Latina: Un desafío para la Iglesia Episcopal Anglicana”. Panamá: CETALC, 2005.

²⁸ LICHTENBERGER, Arthur Carl. ‘The social implication of the liturgical renewal’. In: VV.AA. “The Liturgical Renewal of the Church”. New York: Oxford University Press, p. 109, 1960.